ÁREA TEMÁTICA: Teoria das Organizações e Estudos Organizacionais

OPORTUNISMO E A FIGURA DO "ROBIN HOOD DISTORCIDO" EM O LOBO DE WALL STREET: UMA ANÁLISE FÍLMICA À LUZ DA TEORIA DA AGÊNCIA

Resumo

Este artigo se propôs ao exercício de uma análise fílmica de O Lobo de Wall Street à luz da Teoria da Agência, com ênfase em oportunismo e sistemas de informação. O argumento central é que um filme pode traduzir, por meio da dramatização dos personagens, a ruptura entre os interesses dos investidores e os interesses dos corretores, evidenciando como a assimetria de informação, altas cifras de incentivos baseadas em comissões, racionalidade limitada e fragilidades de monitoramento convertem a intermediação financeira em oportunismo. Com base em abordagem qualitativa, utilizou-se a técnica de análise fílmica como procedimento de descrição e interpretação de cenas, tornando-se assim uma pesquisa de caráter documental. Como resultado, mostrou-se uma semelhança entre o conhecimento fornecido e o contexto de atuação do personagem principal como oportunista, bem como sua representatividade no cinema.

Palavras-chave: Teoria da Agência; análise fílmica; oportunismo; sistemas de informação; assimetria de informação.

Abstract

This article proposes a filmic analysis of The Wolf of Wall Street in light of Agency Theory, with an emphasis on opportunism and information systems. The central argument is that a film can translate, through the dramatization of the characters, the rupture between the interests of investors and the interests of brokers, highlighting how information asymmetry, high incentive figures based on commissions, bounded rationality, and monitoring weaknesses transform financial intermediation into opportunism. Based on a qualitative approach, the film analysis technique was used as a procedure for describing and interpreting scenes, thus becoming a documentary research.

Keywords: Agency Theory; film analysis; opportunism; information systems; information asymmetry.

1. Introdução

Diversos filmes têm a característica de espelhar uma realidade abordada em organizações. O cinema é uma forma democrática de atrair a atenção das pessoas para diversos aspectos da sociedade, e a análise fílmica remete à tradução de uma realidade que, muitas vezes, não passa de ficção, mas que pode ser associada a um cotidiano muito frequente (Medeiros et al., 2015).

Do ponto de vista empírico, o oportunismo corporativo não é um fenômeno restrito à ficção. O caso Enron tornou-se símbolo dessa ruptura: a gigante declarou falência em dezembro de 2001 após executivos manipularem o balanço financeiro, escondendo dívidas. No contexto brasileiro, o caso das Lojas Americanas revelou inconsistências contábeis da ordem de R$ 20 bilhões, com participação do CEO e outros seis executivos que ocultaram do conselho e do mercado a real situação patrimonial da empresa (OBCC/UFSM, 2023; Agência Brasil, 2025).

Do ponto de vista teórico, o campo está alicerçado na Teoria da Agência, cujas origens remontam ao trabalho seminal de Jensen e Meckling (1976). Eisenhardt (1989) consolidou a Teoria da Agência como referencial teórico aplicável a diversas relações organizacionais, propondo que o contrato entre principal e agente deve equilibrar incentivos baseados em comportamento ou em resultado, a depender do nível de assimetria informacional existente.

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicia-se com uma revisão da literatura sobre a Teoria da Agência; justifica-se o cinema como instrumento de tradução entre ficção e realidade; apresenta-se, em seguida, o enredo do filme; por fim, apresentam-se as considerações finais sobre o diálogo entre o cinema e as organizações.

2. Fundamentação Teórica

2.1 A Teoria da Agência e o Oportunismo como Risco Moral

A Teoria da Agência trata do problema que emerge quando um principal delega trabalho a um agente que tem objetivos distintos, racionalidade limitada e tendência ao comportamento oportunista (Eisenhardt, 1989). Berle e Means (1932) identificaram a separação entre propriedade e controle no que se refere ao principal e ao agente. A mais latente relação presente no filme é a dos clientes (principal) e os corretores

(agentes): os clientes delegam suas decisões de investimento aos corretores acreditando que eles agirão em seu interesse; porém, os corretores, motivados por comissões altíssimas, tomam decisões voltadas ao benefício próprio.

Pesquisas recentes ampliam o escopo da teoria: Fantinelli e Lana (2022) identificaram a Teoria da Agência como um dos quadros analíticos mais utilizados para compreender relações de governança no setor público. Sonza e Kloeckner (2014) demonstraram empiricamente que mecanismos de governança podem influenciar a eficiência das empresas brasileiras de capital aberto.

2.2 Redes de Influências para Práticas de Fraudes

A organização não atua sozinha; ela se sustenta por interdependências (Klein; Pereira, 2019). Os efeitos do oportunismo se espalham por múltiplos stakeholders: empregados atraídos por incentivos tóxicos, famílias consumidas pelo excesso, instituições regulatórias pressionadas e mercado contaminado pela perda de confiança. Stocker et al. (2019) argumentam que organizações com alta centralidade conseguem resistir às pressões dos stakeholders.

2.3 Ficção no Imaginário do Cinema

O cinema tem um poder de transformação global e guarda estreita relação com as organizações. Segundo Medeiros et al. (2015), o conhecimento e a experiência organizacional podem ser compreendidos por meio das artes, como o cinema. Conforme Penafria (2009), a análise fílmica é sinônimo de decomposição do filme analisado. As narrativas cinematográficas oferecem uma lente interpretativa por meio da qual é possível analisar aspectos como relações de poder, cultura organizacional, processos decisórios e conflitos no ambiente de trabalho.

3. Metodologia

Este artigo é uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa, tendo em vista que a organização é analisada à luz da produção cinematográfica. Utilizou-se o esquema proposto por Langer (2004) para análise fílmica: (1) definição do objeto e do tema de pesquisa; (2) seleção do filme; (3) crítica externa do filme; (4) crítica interna do filme; e (5) comparação da análise de conteúdo.

Na segunda etapa, realizou-se pesquisa entre filmes nacionais e internacionais indicados ao Prêmio Oscar de Cinema no período de 2012 a 2025. Os critérios de seleção foram: (1) ter uma organização formal como

pano de fundo central da narrativa; (2) enfatizar relações hierárquicas, de poder e de controle no trabalho; e (3) dialogar com o contexto contemporâneo das organizações capitalistas. Foram identificados três filmes — Fome de Poder, Moneyball: O Homem que Mudou o Jogo e O Lobo de Wall Street — sendo selecionado o que apresentou maior relação com todas as teorias abordadas.

4. Análise e Discussão dos Resultados

4.1 Crítica Externa do Filme

O filme O Lobo de Wall Street é uma produção norte-americana lançada nos Estados Unidos em 25 de dezembro de 2013 e no Brasil em 17 de janeiro de 2014. É uma adaptação do livro de memórias homônimo escrito pelo próprio Jordan Belfort, publicado em 2007. O Quadro 1 apresenta a ficha técnica.

Quadro 1 – Ficha técnica do filme O Lobo de Wall Street

Título	O Lobo de Wall Street	**Direção**	Martin Scorsese
Lançamento	2013	**Distribuidor**	Paramount Pictures
Bilheteria	US$ 392 milhões	**Orçamento**	US$ 100 milhões
Gênero	Drama / Biografia	**Duração**	2h59min
Elenco: Leonardo DiCaprio (Jordan Belfort); Jonah Hill (Donnie Azoff); Margot Robbie (Naomi Lapaglia); Kyle Chandler (Agente Patrick Denham); Matthew McConaughey (Mark Hanna).			

Fonte: Elaboração própria com base em Adorocinema (2014).

Com direção de Martin Scorsese, o filme recebeu cinco indicações ao Oscar de Cinema em 2014, nas categorias de Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator (Leonardo DiCaprio), Melhor Ator Coadjuvante (Jonah Hill) e Melhor Roteiro Adaptado.

4.2 Crítica Interna do Filme

A história acompanha Jordan Belfort (Leonardo DiCaprio), um jovem ambicioso que, em 1987, torna-se corretor de ações em Wall Street. Sem opções no mercado após a Black Monday, Belfort encontrou uma vaga em uma corretora que negociava ações baratas. Ao perceber que a comissão era de 50% contra 1% em Wall Street, fundou a Stratton Oakmont, passando a vender ações baratas para o 1% mais rico da América. A empresa chegou a 28,7 milhões de dólares em comissões brutas em um único mês. A revista Forbes publicou um artigo chamando Jordan de Robin Hood distorcido.

4.3 Comparação e Análise do Conteúdo

O ambiente da Stratton Oakmont é construído deliberadamente como um espaço de excesso, competição e ausência de limites, terreno fértil para o comportamento oportunista (Eisenhardt, 1989), para a formação de relações de dependência assimétricas (Klein; Pereira, 2019) e para a manipulação sistemática dos stakeholders (Stocker et al., 2019). A fala de Mark Hanna — "O nome do jogo é: tirar dinheiro do bolso do cliente e colocar no seu" — sintetiza de forma quase didática o problema de agência: o agente age sistematicamente em benefício próprio, utilizando a assimetria de informação para justificar decisões que prejudicam o cliente.

A cena do colapso da rede, quando Brad Cooper com o FBI, sintetiza o argumento de Klein e Pereira (2019) sobre a vulnerabilidade das redes interorganizacionais diante da ruptura dos mecanismos sociais de controle. Os membros, agindo racionalmente em benefício próprio, optam pela cooperação com as autoridades quando o custo de permanecer leais supera o benefício.

5. Conclusão e Contribuições

Esta pesquisa contribui para a compreensão dos mecanismos que condicionam o comportamento oportunista institucionalizado em estruturas organizacionais marcadas pela assimetria de informação, pela captura da lealdade dos agentes e pela manipulação sistemática dos stakeholders, por meio de uma produção cinematográfica baseada em fatos reais.

Quanto às implicações teóricas, esta pesquisa contribui para a análise da articulação entre Teoria da Agência, custos de transação, redes interorganizacionais e gestão de stakeholders para a compreensão de organizações marcadas por lideranças disfuncionais e estruturas de incentivo perversas. Sugere-se que outras produções cinematográficas que retratem organizações com lideranças disfuncionais sejam objeto de análise futura.

Referências

ADOROCINEMA. O Lobo de Wall Street: sinopses e detalhes. 2014. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-127524/. Acesso em: 24 abr. 2026.

AGÊNCIA BRASIL. Fraudes contábeis nas Americanas superaram os R$ 25 bilhões. Brasília: EBC, 6 jul. 2024.

BERLE, A.; MEANS, G. The modern corporation and private property. New York: Macmillan, 1932.

CÁRDENAS, L. Q.; LOPES, F. D. A formação de alianças estratégicas: uma análise teórica. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-8, jun. 2006.

EISENHARDT, K. M. Agency theory: an assessment and review. Academy of Management Review, v. 14, n. 1, p. 57–74, 1989.

FANTINELLI, N.; LANA, J. Theory of agency applied to the public sector: a bibliometric research. Brazilian Journal of Scientific Administration, v. 13, n. 2, p. 267-279, 2023.

JENSEN, M. C.; MECKLING, W. H. Theory of the firm: Managerial behavior, agency costs and ownership structure. Journal of Financial Economics, v. 3, n. 4, p. 305–360, 1976.

KLEIN, L. L.; PEREIRA, B. A. D. Interdependência entre redes e empresas integrantes. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 17, n. Especial, p. 732-749, 2019.

LANGER, J. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. Revista História Hoje, v. 2, n. 5, São Paulo, 2004.

LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P. Análise fílmica em pesquisas em administração. Gestão & Regionalidade, v. 33, n. 99, 2017.

MEDEIROS, C. R. O.; VALADÃO JÚNIOR, V. M.; POSSAS, M. C. Quem mais veste Prada? Revista ADM.MADE, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 102-122, 2015.

OBCC/UFSM. Fraude contábil gera rombo bilionário e deflagra crise na Americanas. Santa Maria: UFSM, 2023.

OLIVEIRA, L. S. S.; LOPES, A. L. S. V.; MACEDO, J. C. S. Análise fílmica e administração. Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão em Gestão, v. 8, n. 1, e41158, 2025.

PENAFRIA, M. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. Anais. Lisboa: Sopcom, 2009.

SILVA, T. R. Fundamentos da análise fílmica: um breve panorama teórico metodológico. Revista Livre de Cinema, v. 11, n. 4, 2024.

SONZA, I. B.; KLOECKNER, G. de O. A governança corporativa influencia a eficiência das empresas brasileiras? Revista Contabilidade & Finanças, v. 25, n. 65, p. 145–160, 2014.

STOCKER, F. et al. Teoria de redes de influências de stakeholders: uma abordagem revisitada. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 17, n. Especial, p. 673-688, 2019.